

GAÚCHO

Antônio Augusto Fagundes

Os moços de Porto Alegre
 - escritores, jornalistas,
 aqueles que sabem tudo,
 ou pensam que sabem tudo...
 disseram que já morreste.
 Ou então que estás de a pé,
 sem cavalo, sem bombacha,
 sem bota, espora ou chapéu,
 sem comida e sem estudo.

Moços da voz de veludo
 e máquinas de escrever
 produzidos no estrangeiro
 dizem que tu, companheiro,
 morreste ou estás mui mal
 porque o êxodo rural
 te atirou pelas sarjetas
 sujo de pó e de barro
 catando a toa cigarro
 nos becos da capital...

E no entanto, estás vivo!
 Estás vivo e trabalhando
 e produzindo o que comem
 esses moços do jornal.

Quem é gaúcho, afinal?

Tenho pra mim que são três:
 um é o peão, o assalariado,
 o operário campeiro.
 O segundo é o estancieiro,
 o empresário rural.
 O terceiro é o camponês
 que se agüenta bem ou mal
 sem ter nem peão nem patrão.
 No mais, é um homem solito,
 um carreteiro, talvez.

São os homens de a cavalo
 que agarram o céu com a mão,
 rasgando fronteira e chão,
 marcando terneiro a pealo,
 bebendo o canto do galo
 no alvorecer do rincão.

São três homens diferentes?
 No fundo, os três são um só:
 mesma fala, mesma roupa,
 mesma alma, mesma lida...
 Em resumo, mesma vida,
 mesmo barro e mesmo pó.

Um mais rico, outro mais pobre.
 Prata, ouro, lata ou cobre
 que importam, se homem é nobre
 e amarra no mesmo nó?

A bombacha que eles usam
 tem um século. Cem anos!
 Os arreios do cavalo
 são muitos mais veteranos:
 duzentos anos talvez.
 E o chimarrão, o palheiro,
 o churrasco, o carreteiro,
 o truco, a tava, as campeiras,
 a gaita, o chote inglês...?
 São dos séculos passados,
 já tinham, em 93.

E a mesma mulher gaúcha
 inspira cada vez mais.

E a paisagem é sempre a mesma.
 Eterna, mas sempre nova.
 Do litoral à fronteira,
 da serra aos campos neutrais.
 Das missões até o planalto

para frente e para o alto
 como regiões naturais,
 do verde das sesmarias
 até o ouro dos trigais
 - as duas cores da pátria
 que o Rio Grande esparramou
 nas plagas meridionais.

Porque o Rio Grande é eterno
 como é eterno seu luxo:
 tu não morreste, gaúcho,
 deixa que falem, no mais.
 Deixa que o fraco de sempre
 (o fracassado, o vencido)
 tente te encerrar no olvido
 que o futuro lhe promete.
 E que te chamem de Odete
 os desfibrados morais:
 no lombo do teu cavalo
 estás tão alto, tão ato,
 que a lama preta do asfalto
 não te alcançará jamais!

Meu pai veio da campanha
 com a mulher e dez filhos
 e veio para abrir trilhos,
 foi sempre um homem de bem.
 Jamais andou mendigando,
 catando lixo nos valos
 ou toco pelas sarjetas.
 Não se esqueceu das carretas
 nem do tranco dos cavalos.

Nasceu e morreu gaúcho.
 Trabalhou e foi alguém.

E eu herdei seu evangelho.
 Me orgulho daquele velho
 - eu sou gaúcho também!